

Bibliotecas: a informatização, condição de sobrevivência *

Marc Chauveinc **

A massa dos escritos duplica todos os vinte anos e o papel não é eterno. A informática fornece soluções para os problemas importantes da gestão e da conservação dos documentos.

As bibliotecas e os centros de documentação são chamados, com muitos outros organismos, a sofrer os efeitos da revolução informática: e são-no, sem dúvida, muito mais do que outros, porque elas estão no centro do circuito informático que parte do autor e depois de ter passado pelo impressor, editor, livreiro e pela biblioteca volta ao leitor, que é muitas vezes, ele próprio, autor. Desde Ptolomeu que as bibliotecas são o que de melhor se fez para adquirir, armazenar e difundir a informação registada no suporte papel.

Ora, é preciso constatar que o circuito tradicional está em vias de ser violentamente agitado por dois movimentos paralelos: de um lado, uma explosão exponencial (a documentação duplica todos os vinte anos) e, do outro, o aparecimento de novas técnicas. Estas foram, aliás, se não inventadas, pelo menos utilizadas para combater tal explosão e permitir o seu tratamento impossível através dos meios até agora conhecidos. A sociedade, que cria os seus venenos, cria também os seus antídotos.

A imprensa e a máquina de escrever substituíram, a seu tempo, o cálamo e a pena de pato; hoje o computador, porque é dele que se trata, ultrapassa estas duas técnicas. Sem ele, o circuito documental há vários anos estaria bloqueado.

* "Le Monde. Dossiers et Documents", *Supplement: L'Informatique Aujourd'hui*, Paris, Septembre 1982, p. 83-84. Tradução de Isabel Faria.

** *Bibliotecário chefe da Biblioteca Nacional de Paris.*

Se existem novas técnicas impressórias como o offset, que permitem diminuir o preço dos textos, ou técnicas de difusão, como a edição a pedido, que facultam a publicação económica de textos complicados, o essencial do progresso vem da informática, e mais especialmente da tele-informática, dos sistemas interactivos.

Esta introduz modificações radicais em relação aos métodos antigos, tanto no acesso à informação, como nas capacidades de tratamento: a velocidade permite manipular uma massa documental sem comparação com a antiga; a telemática permite um acesso à distância imediato (interrogar um ficheiro situado na Califórnia), logo um convívio na partilha dos recursos informativos; os programas possibilitam um acesso multiforme e combinatório para cada elemento informativo (os ficheiros manuais oferecem apenas um acesso linear), e sobretudo a memorização torna possível uma acumulação sem limites de dados num mesmo ficheiro e uma rentilização indefinida.

Por isso, a informática oferece à documentação possibilidades nunca sonhadas. Da produção à difusão, passando pelo armazenamento, intervêm em todos os estádios do circuito documental e torna-se o suporte privilegiado da informação.

A produção dos documentos é sobretudo modificada pela máquina de tratamento de texto, um micro-computador dotado de um écran, de um teclado, de uma memória e de um programa editor, que dá possibilidades ao autor de preparar e registar ele mesmo o seu texto em suporte magnético (cassete ou disquete).

Este registo permite tudo: produzir ele próprio cópias em offset, remeter o artigo a um colega que possua a mesma máquina, enviá-lo pelo correio ou pelo telefone a um editor, que, por sua vez, se encontra em recomposição diante de uma gama de produtos possíveis: edição fotocomposta, microficha COM (*computer output microfilm*), e sobretudo a criação de uma base de dados textuais, que poderá ser interrogada sob forma de diálogo por eventuais leitores.

Pedir um único artigo por terminal pode ser mais económico do que assinar toda a revista. Pode também ser registado em videodisco, cujo baixo custo e capacidade de armazenamento (quarenta e cinco mil imagens) permitem constituir uma grande biblioteca individual.

A CONSERVAÇÃO DOS DOCUMENTOS

A informática garante também uma conservação dos documentos, quer por cópia das bandas magnéticas, quer por meio de videodisco, cuja matriz em níquel tem um prazo de duração calculado em dez mil anos. Poder-se-ão também salvar muitos textos ou imagens cujo suporte papel se desfaz em pó para todo o sempre (veja-se o plano de salvaguarda da Biblioteca Nacional).

A difusão da informação será também completamente transformada pela teleinformática — que pode intervir em três etapas do seu circuito: a pesquisa bibliográfica, o acesso ao documento e a descoberta do dado.

Há cerca de dez anos vemos florir por toda a parte, como junquinhos na Primavera, bases de dados bibliográficos que oferecem as referências de todos os documentos aparecidos sobre um tema. Iniciadas com a medicina, a química, a técnica, estendem-se agora a outros domínios. Os fornecedores internacionais que os comercializam (Lockeed, Télésystèmes, Agence Spatiale Européene) permitem um acesso imediato e completo a todas as referências bibliográficas registadas há dez anos, acesso que outrora exigia longas pesquisas nos repertórios impressos.

Rapidamente, nos apercebemos que estas bases são insuficientes e mesmo frustrantes para o investigador, porque ele encontra nelas apenas um título, e o acesso ao documento vai exigir uma segunda etapa.

Para o melhorar é necessário construir em paralelo com as bases documentais um catálogo colectivo “de acesso imediato”, dando a localização dos documentos em todas as bibliotecas. Estes catálogos, designados por redes, existem nos Estados Unidos (O.C.L.C., 7 000 000 notícias e 3000 bibliotecas), e constituem uma partilha desigual dos recursos.

Ela será ainda melhorada por meio de bases de dados textuais, constituídas pelo registo magnético dos livros (tratamento de texto ou leitura óptica), que permitirão ultrapassar a primeira etapa obtendo directamente o artigo pedido. Este pode então ser armazenado num micro-computador individual, que substituirá os dossiers do investigador.

Este método não é ainda totalmente satisfatório, sobretudo no domínio científico, porque asfixia a informação numa onda de literatura, que nem sempre é pertinente. Por esse motivo, surgirá uma nova técnica informática que respigue livros e artigos para deles

extrair os factos, os números, os dados brutos e para os apresentar num banco de dados. Obtém-se então directamente a informação. Já foram criados numerosos bancos de dados no domínio científico (Thermodata, Toxicology Data Bank...), económico (Predicast, Bi-Data Imports...) ou até para a informação diária (Agora...). Eles apenas terão que desenvolver-se e serão os grandes vitoriosos do século XXI.

UMA ACÇÃO URGENTE

Estes avanços técnicos, necessários e inelutáveis, fazem correr um certo perigo às bibliotecas apenas adaptadas à transferência de uma informação sobre papel, perigo esse do qual estão perfeitamente conscientes os bibliotecários e documentalistas. A questão é pois: haverá que suprimir as bibliotecas e recriar outra coisa, ou deverão adaptar-se (e como?) os instrumentos documentais actuais a essas novas técnicas para atingir o objectivo essencial: uma melhor informação do leitor?

Optando pela segunda solução para assegurar a continuidade, podem propor-se as seguintes etapas: em primeiro lugar, informar-se e conhecerem estas técnicas; em segundo, utilizá-las todas as vezes que seja possível. A pesquisa documental efectua-se actualmente nas bibliotecas que possuem terminais e conhecem os programas de acesso. A implantação de uma rede de bibliotecas é agora uma acção urgente que os poderes públicos devem empreender para assegurar uma utilização mais racional das colecções dispersas. Este primeiro contacto com a informática permitirá encarar depois outras aplicações, como o minicomputador para uma gestão integrada, ou o videodisco para um armazenamento económico e um acesso rápido aos documentos. As bibliotecas poderão então participar na digitalização dos textos, desempenhando o papel de fornecedor ou de receptor. O seu capital documental, a sua experiência de bases de dados, e dos métodos biblioteconómicos permitem a instalação no centro de uma rede, no coração do circuito informativo. Os investigadores não têm tempo nem competência para dialogar com as bases de dados e prosseguir a investigação. Cada qual no seu ofício. O custo de certos equipamentos (antena para satélite) implicará necessariamente a sua instalação num organismo documental central.

Além disso, o futuro não será tão simples nem tão maniqueísta; os novos processos vão substituir rapidamente os antigos,

vão aliar-se a eles, oferecendo às novas necessidades uma nova gama de serviços. O impressor manterá o seu lugar para a leitura de grande difusão, a micro-ficha permitirá o armazenamento e a conservação económica de documentos pouco lidos, a informática oferecerá toda uma gama de produtos, talvez mais caros, mas muitíssimo mais rápidos, exactos e adaptados, desde a listagem à interrogação.

As previsões também devem ser prudentes, porque as restrições económicas, sociológicas, económicas e psicológicas vão perturbar, se não refrear o progresso técnico. Nem tudo o que é tecnicamente possível é sempre realizado.

É no entanto certo que a paisagem documental vai mudar e que, neste domínio, como em muitos outros, o resultado da mudança será uma aceleração da transferência da informação. Aos bibliotecários e aos documentalistas compete terem a vontade, o dinamismo e a imaginação suficientes para conservarem a sua função de intermediários.

A sua palavra de ordem deve ser — informatização ou morte!